

Um aporte lingüístico ao conceito de denegação: a polifonia lingüística

Denise Cipriano Jabour

O objetivo deste trabalho é apresentar subsídios lingüísticos que fundamentem, de um ponto de vista extra-psicológico, o conceito de denegação de Freud.

Para tanto, apresentarei sucintamente algumas considerações lingüísticas que poderão nos esclarecer sobre alguns fenômenos da escuta e da interpretação psicanalítica.

A teoria da Polifonia, segundo Oswald Ducrot.ⁱ

Na década de 80, as idéias de Oswald Ducrot, filósofo e lingüista francês, marcaram uma ruptura no campo da lingüística tradicional. Neste trabalho pretendo apresentar em linhas gerais a sua Teoria da Polifonia, para em seguida cotejá-la com o conceito de denegação como concebido por Freud. Originalmente a noção de Polifonia designou um procedimento de composição musical obtido pela superposição ou confrontação de diversas partituras.

Michel Bakhtine, teórico russo da literatura do século XIX, utilizou esta metáfora para opor e caracterizar dois tipos de literatura: a dogmática, na qual o autor se expressa com uma só voz, ou escutamos as vozes das personagens, porém julgadas pelo autor, induzindo o leitor a formular um julgamento sobre elas. A segunda é denominada popular, carnavalesca ou polifônica; nesta várias vozes são apresentadas por si mesmas, sem que o autor as julgue, a significação do texto nascendo apenas da confrontação entre as vozes. O primeiro caso é ilustrado por Tolstoi, o segundo por Dostoiewski.

Outro exemplo mais recente de literatura polifônica é o livro *A sangue frio*, de Truman Capoteⁱⁱ, que inaugura um novo gênero literário: o “romance sem ficção”, no qual o autor, propositadamente, não aparece na narrativa, abdicando-se da tarefa de julgar os personagens, transferindo-a para o leitor.

Luis Fernando Veríssimo, em seu romance policial *Borges e os orangotangos eternos*ⁱⁱⁱ, emprega uma estratégia que nos diverte e que consiste em transformar o narrador num vilão que sonega ou falsifica informações, inspirando-se, por sua vez, na invenção controvertida de Edgar Allan Poe, em suas histórias de detetives, que é a de narrador inconfiável.

Num determinado momento, no livro de Veríssimo, o leitor percebe que o narrador sai de cena e um personagem recebe a incumbência de determinar o desfecho. Que efeito isto provoca no leitor? Primeiramente, uma certa estranheza lúdica. Mas se o livro não se torna nem

incompreensível nem absurdo é porque o leitor automaticamente ou inconscientemente reconhece as diversas vozes que aparecem no texto. Inicialmente o narrador se identifica com o locutor, que por sua vez é assimilado a um dos enunciadores, e posteriormente é assimilado a outro, retratado por uma personagem distinta. Esta brincadeira só é possível se aceitarmos a polifonia do sujeito da fala ou da escrita.

Antes de mostrar como Ducrot adaptou a noção de polifonia à análise lingüística, torna-se indispensável que se faça uma distinção entre frase e enunciado.

Para Anscombre e Ducrot ^{iv}, o enunciado é uma realidade empírica, um segmento do discurso: ele se produz num lugar e num momento dados e não se repete. A frase é uma construção teórica que pode ser manifestada por uma infinidade de enunciados. O enunciado, ato particular da enunciação, é afetado de um sentido. A frase, objeto de conhecimento, é afetada por uma significação. É fácil remeter esta distinção à dicotomia introduzida por Saussure entre Fala e Língua.

O quadro abaixo ilustra o que acaba de ser dito:

	Valor semântico	Domínio
Enunciado	Sentido	Fala
Frase	Significação	Língua

Para Ducrot, o autor de um enunciado nem sempre se exprime diretamente, mas se expressa colocando em cena um certo número de personagens, e o sentido do enunciado nasce do confronto destes sujeitos. Para tanto ele combateu severamente uma concepção que dominou a lingüística até não muito tempo atrás: a da unicidade do sujeito da fala ou locutor atrás de cada enunciado, fato que era inquestionável. Ver-se-á que esta unicidade é insustentável ao se identificar as três características do sujeito da fala apresentadas abaixo:

1- É o ser que realiza a atividade psicofisiológica necessária para a produção de um enunciado: escolhe as palavras, as combina, depois as pronuncia ou escreve.

2 - Tem as marcas da primeira pessoa, os pronomes eu, mim, me, etc.

3 - É a origem dos pontos de vista ou das atitudes expressas pelo enunciado: a vontade, se o enunciado for imperativo; a dúvida, se for interrogativo; a crença, se for declarativo.

Na concepção tradicional o sujeito da fala tem as três atribuições: produzir o enunciado, exprimir o seu ponto de vista através deste e ser referido pelas marcas da primeira pessoa, as três

remetendo sempre a mesma pessoa. Incontestavelmente esta convergência não é problema quando se trata de enunciados simples do tipo: “Eu gosto de maçãs”. As três características remetem, neste caso, à mesma pessoa. No entanto, desde que as situações se tornem mais complexas, os problemas aparecem. Examinemos a seguinte situação: Paulo diz a José: “Você é um palhaço” e José responde: “Ah sim! eu sou um palhaço, hum hum...”

Analisando-se o enunciado pronunciado por José, reconhece-se que José é o produtor, e também o ser designado pelo eu, mas é evidente que o ponto de vista expresso não é o de José. Assim tem-se o mesmo ser para as características 1 e 3, mas um ser diferente para a característica 2.

Poderia me estender por horas dando exemplos sobre a defasagem entre as três funções do Sujeito da fala, porém como estamos apressados para entender como esta bizarraria pode interessar aos psicanalistas, serei breve.

As três características distintas do sujeito da fala remetem a três funções que Ducrot denomina: **sujeito empírico, locutor e enunciator**. Deteremo-nos nas duas últimas, pois dizem respeito ao interior do enunciado:

O locutor é o pretense responsável pela enunciação: a ele é atribuída a responsabilidade das palavras, assim como as marcas da primeira pessoa, mesmo se nem sempre estiver na origem da enunciação – esta tarefa é do enunciator – e nem for o sujeito empírico da mesma.

Para ilustrar o que acabo de afirmar, eis um exemplo da língua francesa. Em francês, quando se quer criticar alguém por ser muito indiscreto ou curioso, utiliza-se comumente a expressão: “*De quoi je me mêle?*”, cuja tradução literal é “em que eu me intrometo?”, mas cujo sentido é: “não se intrometa onde não é chamado”. Por exemplo, se um marido surpreende uma esposa ciumenta, verificando as chamadas do seu celular pode dizer: “*De quoi je me mêle?*” O *je* (eu) designa quem? Não o marido, evidentemente, mas a esposa. Esta deveria ter se perguntado antes de vasculhar as coisas do marido: “*de quoi je me mêle?*” este *je* (eu), remete à esposa, que é a locutora do enunciado do qual o marido é o sujeito empírico (ou seja, o sujeito que realizou a atividade psico-fisiológica do enunciado).

O não lingüístico e a denegação

Freud teve uma intuição genial ao antecipar que a denegação é a operação que permite uma representação recalcada ascender ao consciente, contanto que seja negada. Contudo ele não tinha os instrumentos lingüísticos para fundamentar sua tese. No final do século XX, ele estaria bem respaldado.

Se um cliente diz “não p”, “p” exprime um desejo (por exemplo, o de agredir o analista) e “não p” a negação deste desejo, o que permite a sua enunciação, contanto que seja negado. O que em Freud era a interação entre um desejo e as exigências da censura corresponde, em termos da teoria da polifonia, a dois enunciados ou dois enunciadores.

Por se tratar de uma platéia de psicanalistas, para não ser repetitiva, não me estenderei na exposição do pensamento freudiano. Meu interesse é mostrar a confluência das duas teses.

Ducrot amplia a tese de Freud, afirmando que **todo** enunciado negativo exprime pelo menos dois pontos de vista, portanto comporta duas funções “enunciador” E1 e E2. Aquilo que em Freud era um caso particular, aqui se generaliza.

Consideremos o enunciado negativo: “Maria não virá me visitar”. É um enunciado que tem um locutor, designado pela marca da primeira pessoa “me” que chamaremos João, mas segundo Ducrot tem dois enunciadores:

E1 - que assume uma posição afirmativa com relação a vinda de Maria

E2 – que se opõe à E1. A este é assimilado o locutor.

Como justificar tamanha excentricidade? Observem que esta concepção da negação é a única que pode dar conta de encadeamentos do tipo: “Maria não virá me visitar, ao contrário, ficará em casa. ”Ora, ao contrário de que? Não ao primeiro segmento do enunciado, pois são perfeitamente compatíveis. É contrário ao ponto de vista positivo de E1: Maria virá.

Além disto, quando alguém se remete através de uma anáfora a um enunciado negativo, pode-se remeter tanto ao ponto de vista de E1 como ao de E2. Assim, logo após “Maria não virá me visitar” pode-se continuar de duas formas:

1-“Isto, no entanto, me alegraria.”

O isto retoma a vinda de Maria afirmada pelo E1.

Mas, se por outro lado se acrescenta:

2- “Isto me contraria”.

O isto retoma o ponto de vista negativo de E2.

Ducrot assim compara o enunciado negativo a uma pequena peça de teatro com duas personagens chamadas enunciadores. Ele apresenta, apesar de sua aparência monológica, um diálogo cristalizado.

Normalmente, o enunciador E2 é assimilado ao locutor, mas às vezes pode ser assimilado a não importa quem, o que explica os mal-entendidos de comunicação. Por exemplo, o destinatário de um enunciado negativo pode responder: “Mas eu nunca disse que Maria viria”. O locutor pode, por sua vez, replicar: “E quem lhe disse que eu disse que você havia dito? Por que você sempre se auto-referencia?”

Todos esses desdobramentos possíveis podem ser compreendidos se admitirmos a concepção polifônica da negação.

Em *A psicopatologia da vida cotidiana*^v Freud relata um lapso de escrita num artigo de defesa e reivindicação que incide exatamente sobre a supressão da partícula negativa: “Os nossos leitores serão testemunhas do fato de que sempre atuamos de um modo egoísta, para o bem da comunidade”. O autor trocou *unselfish* por *selfish*. Freud comenta que “os verdadeiros pensamentos irromperam com uma força patética” (p. 84). A polifonia esclarece sobre os instrumentos lingüísticos que possibilitaram esta irrupção: ou seja, o locutor (autor do manuscrito) se identificou com o enunciador, que nomeamos E1 .

A noção de polifonia pode também nos esclarecer sobre a produção da ironia. Sem a distinção das três funções do sujeito da fala, nem a ironia nem o humor seriam possíveis, toda palavra seria séria.

Ducrot define como irônico¹ o enunciado que atende, no mínimo, às seguintes condições:

1- Entre os pontos de vistas expressos, existe ao menos um que é absurdo na situação do discurso.

2- Este ponto de vista não é atribuído ao locutor, mas ao destinatário, o que o torna um personagem ridículo.

Quando alguém dirige uma crítica a uma pessoa dizendo: “muito bonito”... , ou “mas que beleza o que você fez “, compreendemos perfeitamente que não é o locutor que acha bonita a ação, mas coloca o destinatário numa posição ridícula de ser assimilado a um enunciador com este ponto de vista idiota, ou irresponsável ou absurdo.

Relatarei, a seguir, um episódio clínico, cuja ironia demonstra não apenas o que foi dito, mas também a contribuição desses conceitos para a nossa prática clínica.

Uma denegação bem humorada ou a Ironia como alternativa para a denegação.

Uma cliente, a quem darei o nome de Vera (naturalmente uma brincadeira etimológica), havia sido abandonada pelo marido, que se apaixonou pela mãe de uma amiguinha da filha do casal. Após muito sofrimento, que Vera atribuía não só à perda do companheiro, mas ao fato de ter sido cega e não ter percebido o que se desenrolava diante de seus olhos, a rivalidade com a outra mulher ficou em evidência. Um dia ela me disse:

¹ Não me refiro, aqui, à auto-ironia, que requer uma operação mais complexa.

“ - Agora eu não sofro mais pelo João, estou até achando bom estar separada, agora o meu caso é com a Maria”. E eu repeti: “- O seu caso é com a Maria”.

Vera, que era dotada de uma boa dose de senso de humor, retrucou:

“- Ora, só falta agora você me dizer que eu gosto é de mulher, eu descobrir que sou sapatão. Só faltava esta...”

Como todos sabem, Freud ^{vi}dizia que “a denegação é a operação que permite uma representação recalçada vir à consciência, sob a condição de ser negada”. No enunciado de Vera não existe um não, porém, na medida em que ela atribui a mim o ponto de origem de um enunciador que diz absurdos AO ME TORNAR ENUNCIADORA DO CONTEÚDO LATENTE, PERMITIU QUE A PRIMEIRA ETAPA DO DESRECALCAMENTO DESCRITA POR FREUD EM A DENEGAÇÃO OCORRESSE².

Reparem que no segundo segmento do seu enunciado, a marca da primeira pessoa prova que a locutora é Vera, porém, indubitavelmente eu sou a enunciadora.

Quantas vezes precisamos ser colocados no lugar deste enunciador de absurdos para que nossos clientes possam tomar contato com suas fantasias inconscientes enunciadas por outro, para que as “Veras” possam falar? Mas este texto seria interminável se fosse catalogá-las.

Quando cheguei a este ponto do artigo, sabia que tinha de terminá-lo, mas me exigia uma conclusão que tornasse os argumentos irrefutáveis para os meus ouvintes. Foi aí que recebi por e-mail, de uma amiga, uma mensagem sobre o conceito japonês WABI SABI, para definir a beleza que mora nas coisas imperfeitas e incompletas, uma visão de mundo budista que valoriza as lacunas. Aliás, citando Thomas Moore: “...a perfeição pertence a um mundo imaginário”. Converti-me então ao WABI SABI e aceitei a indefectível incompletude dos textos, o que a tantos incita a criação permanente.

Notas

ⁱ DUCROT, OSWALD. *Polifonia y argumentation*: conferencias del seminario teoria de la argumentation y analisis del discurso. Cali: Universidade Del Valle, 1988.

ⁱⁱ TRUMAN CAPOTE (1965). *A sangue frio*. SP: Editora SCHWARCZ - Companhia das Letras, 2006.

ⁱⁱⁱ VERÍSSIMO, LUIS FERNANDO. *Borges E os Orangotangos Eternos*. SP: Editora SCHWARCZ - Companhia das Letras, 2000.

² Naturalmente, esta etapa não significa a suspensão do recalque, nem garante que a aceitação intelectual plena do recalcado seja atingida.

^{iv} ANSCOMBRE, J.C., DUCROT O. , *L'argumentation dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1983.

^v FREUD, S. *Psicopatologia da Vida cotidiana*. RJ: Zahar, 1969.

^{vi} FREUD, S. (1925). *A denegação*. (tradução do original do alemão, por Jochen Kemper). In: *Circulando Notícias*, CPRJ, Julho e Agosto 2003.